



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV - JACOBINA
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Gecivaldo Marques de Oliveira
Glaconeí dos Santos Nunes
Jailton Oliveira de Aquino
Jeovane Pacheco Almeida

**REFLEXÕES SOBRE INDISCIPLINA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E DEPOIMENTOS
DE PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL
DE VÁRZEA DA ROÇA - BAHIA**

Várzea da Roça, BA
2008

189



Gecivaldo Marques de Oliveira
Glaconeí dos Santos Nunes
Jailton Oliveira de Aquino
Jeovane Pacheco Almeida

**REFLEXÕES SOBRE INDISCIPLINA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E DEPOIMENTOS
DE PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL
DE VÁRZEA DA ROÇA - BAHIA**

**Monografia apresentada à
Universidade Estadual da Bahia –
UNEB, Departamento de Ciências
Humanas – Campus IV, Programa
Rede UNEB 2000 – Núcleo Várzea
da Roça, como requisito para a
conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia.**

**Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana
Lourenço Lopes**

Várzea da Roça, BA
2008

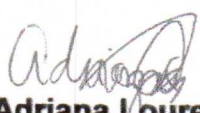
Gecivaldo Marques de Oliveira
Glaconeí dos Santos Nunes
Jailton Oliveira de Aquino
Jeovane Pacheco Almeida

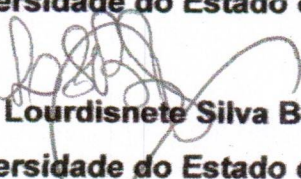
**REFLEXÕES SOBRE INDISCIPLINA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E DEPOIMENTOS
DE PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL
DE VÁRZEA DA ROÇA - BAHIA**

**Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB
para obtenção de graduação em Pedagogia.**

Várzea da Roça, Bahia, 21 de Janeiro de 2008

Banca examinadora:


Profª Drª Adriana Lourenço Lopes
Universidade do Estado da Bahia


Profª Lourdisnete Silva Benevides
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-nos dado o dom de descobrir novos caminhos e acreditar que pudéssemos dar grandes passos na direção de nossos objetivos.

Aos nossos familiares e amigos que nos incentivaram e acreditaram na nossa caminhada, rumo à conquista de mais uma etapa de nossas vidas.

Aos professores desta graduação, pela contribuição para que fosse possível a concretização deste trabalho e a nossa formação profissional.

Aos professores que participaram como depoentes desta pesquisa.

Aos funcionários da biblioteca municipal Honório Tomelin, por facilitar o acesso ao acervo bibliográfico. Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Não há educação sem amor
O amor implica contra o egoísmo
Quem não é capaz de amar os seres
inacabados não pode educar
Não há educação imposta, como não
há amor imposto
quem não ama não
compreende o próximo, não o
respeita.
Não há educação do medo.
(Autor desconhecido)

As horas de trabalho e estudo
Destas páginas são dedicadas aos
Nossos familiares por ter-nos
Incentivado e orado por todos nós.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos caracterizar o fenômeno da indisciplina escolar a partir da visão de diferentes teóricos da área educacional, articular as concepções desses teóricos com depoimentos de professores que atuam no Ensino Fundamental em uma escola municipal de Várzea da Roça- Bahia e levantar indicativos que possam auxiliar futuras discussões acerca da *indisciplina em sala de aula, visando desmistificar essa problemática*. A metodologia adotada consistiu em pesquisa bibliográfica acerca de autores que tratam da indisciplina escolar e da coleta de depoimentos de sete professores que lecionam em turmas de Ensino Fundamental. Concluímos que não há um conceito único para definirmos indisciplina, assim como, não podemos atribuir esse problema a uma única causa, mas sim a um conjunto de fatores interligados e interdependentes, pois tanto os teóricos quanto os participantes não são unânimes quando a questão é o que caracteriza o ato indisciplinar.

Palavras-chave: Indisciplina; Disciplina; Escola; Aluno; Professor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – A INDISCIPLINA.....	11
1.1 A indisciplina: visão de diferentes teóricos.....	14
1.2 <i>Consenso como alternativa</i>	24
1.3 Indisciplina e moral / vergonha.....	26
1.4 Indisciplina e respeito.....	28
CAPÍTULO II – ASPECTOS RELACIONADOS À INDISCIPLINA.....	31
2.1 Família.....	32
2.2 Alunos.....	33
2.3 Professor.....	34
2.4 Escola.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39

INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos temos presenciado um aumento no número de casos de *indisciplina nas classes de primeira a quarta séries nas escolas em que temos lecionado no município de Várzea da Roça*. Isso tem prejudicado de certa forma, o processo de ensino-aprendizagem e causado preocupação nos profissionais de educação dessas escolas. Sem entender direito o que tem motivado a essa escalada da indisciplina em nossas classes e procurando conhecer melhor os aspectos que têm impulsionado essa problemática, decidimos estudar de maneira mais aprofundada a questão da indisciplina. Com base nesse contexto, escolhemos a indisciplina escolar como objeto de estudo para a presente pesquisa.

Ao longo dos nossos anos de estudo aprendemos nas aulas de História e Geografia que desde o seu surgimento, o homem interage com a natureza da qual faz parte e dela extrai os suprimentos básicos que garantem sua subsistência como espécie. Contudo, lidar com a natureza e explorá-la exige técnicas que precisam ser desenvolvidas e/ou aperfeiçoadas para que assim se tenha um domínio mais amplo sobre ela e, por conseqüência, um melhor aproveitamento de seus recursos. Além disso, o homem sempre teve necessidade de se defender das intempéries da própria natureza e também teve a necessidade de desenvolver habilidades. Essas habilidades foram aprendidas durante um longo processo de aquisição e a esse processo nós chamamos de APRENDIZAGEM. A forma de aprender varia muito, a depender do contexto em que ela acontece. Nas civilizações primitivas a aprendizagem se dava pela observação onde os mais novos observavam os mais velhos e a partir daí aprendiam as técnicas dos mesmos. Porém com o avanço das civilizações, novas formas de aprendizagem foram sendo implantadas e, em um dado momento surgiu uma forma de aprendizagem coletiva: a ESCOLA. Essa maneira coletiva de aprender foi responsável pelo grande processo de desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos. É inegável que o avanço alcançado pela humanidade em todas as áreas, tem como base as contribuições fornecidas pela escola.

Considerando a nossa experiência como educadores em escolas públicas do município de Várzea da Roça, observamos que no contexto atual, fica cada vez mais

evidenciada a importância da escola para o desenvolvimento da sociedade. É bastante visível a diferença entre as nações que investem em educação e aqueles que não fazem os investimentos necessários ao bom funcionamento do seu sistema educacional. Um clássico exemplo disso foi a grande recuperação da Alemanha e do Japão, que ficaram arrasados depois da II Guerra Mundial e, através dos altos investimentos feitos na área da educação e da ciência, poucas décadas depois conseguiram se reerguer e, atualmente configuram como grandes potências mundiais. Desse modo, podemos dizer que a sociedade se torna dependente da escola para o seu bom funcionamento. É através da escola que o indivíduo adquire conhecimentos essenciais para a vida, cresce enquanto ser social desenvolve o senso crítico e entra em contato com valores morais indispensáveis a um ser humano.

Se a escola conseguir cumprir seu papel na sociedade, ela será capaz de fazer uma real transformação, pois se trata de uma instituição que trabalha como elemento formador de opinião e conscientizador dos indivíduos que dela fazem parte.

Quando a escola ganha credibilidade, ela se torna capaz de influenciar positivamente os sujeitos que a compõe como é o caso das crianças que, a depender da metodologia, ideologia, conteúdos, relacionamentos etc. utilizados pela escola, podem ser encaminhadas a desenvolver um papel importante na sociedade com o pleno exercício da cidadania. Ou seja, a escola pode dar uma grande contribuição para a transformação da sociedade.

Em uma época em que a escola assume um papel de grande relevância no desenvolvimento intelectual, social e profissional do ser humano e, por conseqüência, no desenvolvimento do país como um todo, a escola carece de cuidados especiais no sentido de preservá-la para que possa desempenhar seu papel sem a interferência de fatores negativos como a falta de recursos didático-pedagógicos, falta de profissionais preparados, inadequação e insuficiência no processo de formação e atuação docente, salários defasados etc. Estes e outros fatores podem ofuscar a ação da escola como elemento de transformação da sociedade e causar prejuízos para o crescimento do país de forma geral. Além desses fatores, gostaríamos de enfatizar algo desagradável que vem acontecendo

nas nossas escolas causando grande preocupação aos profissionais que atuam na área da educação: o problema da indisciplina.

E foi o incômodo causado por esse problema que nos impulsionou a traçar como objetivos: caracterizar o fenômeno da indisciplina escolar a partir da visão de diferentes teóricos da área educacional, articular as concepções desses teóricos e depoimentos de professores que atuam no Ensino Fundamental de uma escola municipal de Várzea da Roça - Bahia e levantar indicativos que possam auxiliar futuras discussões acerca da indisciplina em sala de aula, visando desmistificar essa problemática.

A metodologia adotada neste trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica acerca de autores que tratam da indisciplina escolar. Também foram coletados depoimentos de sete professores que lecionam em turmas de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Várzea da Roça – Bahia. Estes depoimentos foram coletados durante contatos informais que estabelecemos com nossos colegas de trabalho. Os depoimentos transcritos foram lidos e relacionados com as contribuições dos teóricos sobre indisciplina. Foi assegurado o sigilo de informações que possam identificar os professores participantes.

Os pensamentos dos diversos autores consultados durante a pesquisa são mencionados e/ou comparados com o intuito de dar suporte necessário para uma maior compreensão do tema em estudo. Os depoimentos dos participantes professores foram articulados/relacionados às idéias encontradas nas obras (artigos, capítulos de livros etc.) consultadas durante a pesquisa para análise entre as divergências e semelhanças existentes.

O presente estudo foi dividido em dois capítulos, o primeiro procura caracterizar a indisciplina escolar tendo como base diversos conceitos de indisciplina. O segundo capítulo traz um levantamento de possíveis agentes causadores dessa problemática e prováveis conseqüências que a indisciplina pode trazer.

CAPÍTULO I – A INDISCIPLINA

Desde o século XV, os adeptos da ordem procuravam propagar uma idéia nova da infância e de sua educação. As crianças não podiam ser abandonadas sem perigo a uma liberdade sem limites hierárquicos. Elas pertenciam a uma disciplina maior e princípios mais estreitos. Para ele, os mestres-escolas não deviam ser mais os primeiros camaradas das crianças. Porém deveriam em primeiro lugar formar os espíritos, inculcar virtudes, educar quanto instruir. Era um dever também usar sem sentimentos de culpados seus poderes de correção e punição. (ARIES, 1973).

No sistema disciplinar que era postulado não se podia enraizar na escola medieval, no qual o mestre não se interessava pelos comportamentos dos seus alunos fora de sala de aula. Do século XIV ao XVII, a disciplina foi mantida de forma humilhante. O chicote ao critério do mestre e a espionagem mútua em benefício do mestre, substituindo um modo de associação corporativa que era o mesmo, tanto para os jovens escolares como para os outros adultos. O castigo corporal se generalizou.

Por volta do século XIX houve um relaxamento da antiga disciplina escolar que correspondia a uma nova orientação do sentimento da infância banindo de vez a humilhação. A partir do século XX, vários autores curiosos em saber por que as crianças obedeciam, pesquisaram e descobriram várias respostas como: superego, sentimento do sagrado, heteronomania, hábitos. (AQUINO, 1996). Neste contexto percebe-se que as crianças obedeciam aos pais e aos professores. Hoje a pergunta seria inversa: Por que as crianças não obedecem aos seus pais e nem a seus professores? Segundo Aquino (1996:23) "A resposta é traduzida pelo vocábulo limite: as crianças de hoje, não teriam limites, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão o sabotaria".

Nesta visão a falta de limite constitui a indisciplina, uma vez que, para TAILLE (apud, AQUINO, 1996) a mesma é tida como desrespeito, rigidez, intolerância do não cumprimento de regras capazes de modelar o comportamento de um grupo ou indivíduo.

(...) crianças precisam sim aderir às regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente pode vir de educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. "Devem também ser entendido no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social - família, escola e a sociedade como um todo". (TAILLE, 1998: 86).

Até meados da década de 80 em nosso município, (Várzea da Roça), a rotina das salas de aulas se manteve inalterada em que o professor ditava as regras e, ao aluno passivo, calado, submisso só cabia obedecê-las de forma incontestável seguindo rigorosamente aquilo que lhes era proposto sem direito a se manifestar, emitir suas opiniões ou até mesmo sanar possíveis dúvidas. Contudo, mesmo diante desse cenário de total autoridade do professor, a indisciplina já estava presente nas salas de aula, mesmo que de forma menos intensa. Na segunda metade da década de 80, presenciamos a um constante crescimento da indisciplina nas escolas de Várzea da Roça.

É comum ouvirmos nos corredores e salas das escolas conversas entre professores e demais funcionários acerca de atos indisciplinares das mais variadas formas cometidos pelos alunos, que vão desde a falta de participação efetiva nas aulas, até agressões físicas aos colegas e funcionários da escola.

A situação caminha para um patamar em que as autoridades educacionais nem sempre conseguem manter um controle sobre esses atos indesejados e/ou inadequados praticados por um número cada vez maior de alunos que acabam por contagiar outros colegas a também aderirem às essas práticas que tanto têm desgastado a imagem da escola e emperrado o bom funcionamento da mesma, impedindo assim, que ela desempenhe o papel que se esperam deles, que é a de trabalhar com a diversidade que compõem a nossa sociedade.

É visível a necessidade de se fazer algo, no sentido de tentar minimizar ou acabar com essa escalada da indisciplina na escola, pois ao contrário correremos o risco de estarmos trilhando um caminho sem volta no qual a escola perderá toda a

sua essência e passará a ser uma instituição desacreditada que não consegue produzir nenhum efeito positivo para a sociedade e, além disso, poderá ser vista como sinônimo de baderna e desordem.

Parece que o cenário de indisciplina tem se expandido até mesmo aos recantos mais longínquos do país, afetando inclusive as escolas rurais, sempre tidas como aquelas que apresentavam menor índice de indisciplina. Em nosso município, a situação não difere muito da média nacional, infelizmente, nos últimos anos, temos presenciado também em nossas escolas cenas que dispensaríamos do nosso cotidiano de sala de aula.

Temos nos deparado com uma série de comportamentos inadequados por parte de um grande número de alunos que, com determinadas atitudes, têm reduzido o nível de aprendizado em nossas classes e colocado inúmeras interrogações na cabeça de professores, diretores, coordenadores e demais profissionais que atuam na área da educação.

Assistimos ultimamente, sem encontrar soluções para o problema, a um progressivo aumento nos casos e na intensidade da indisciplina em nosso município. Para ilustrar, presenciamos situações como: em uma escola fomos surpreendidos com atitude de um aluno que, sem razões aparentes começou a degradar o espaço físico da escola quebrando lâmpadas, danificando portões e cadeiras, além de agredir verbal e fisicamente funcionários da escola. Nessa mesma escola, um aluno de 13 anos e outro de 14 adicionaram pimenta à água do filtro prejudicando os demais colegas.

Esses dois casos apenas representam uma série de muitos outros que rotineiramente acontecem em nossas escolas, como por exemplo, xingamentos, conversas paralelas, falta de participação nas aulas, falta de respeito aos professores e colegas, intervalos cada vez maiores, atitudes preconceituosas, comentários despropositados, pequenos furtos etc. Diante de tais situações nos indagamos: o que fazer como docentes?

1.1 A Indisciplina: visão de diferentes teóricos

Responder as questões relativas à indisciplina está longe de ser uma tarefa fácil, se levarmos em consideração a amplitude e a complexidade do fenômeno. Pelo contrário conceituar indisciplina não é algo que possa ser feito de forma aleatória sem considerar as mais variadas situações e os inúmeros pontos de vistas que envolvem o problema. Também podemos perceber que a indisciplina é conceituada de maneiras diferentes quando é definida sob perspectivas de áreas do conhecimento como acontece com a Sociologia e a Psicologia, por exemplo.

Dentre os estudiosos do assunto, a questão também não é diferente, não há unanimidade acerca do que é indisciplina. Cada teórico faz uso de argumentos próprios de determinadas áreas para explicar o fenômeno. O tema se mostra tão variável que, até mesmo na questão escolar não se tem uma definição concreta sobre o assunto em pauta e a existência ou não da indisciplina varia de professor para professor, de acordo com os critérios adotados pela escola e até mesmo com a faixa etária dos alunos. Segundo Alves (2005), um aluno que levanta de sua cadeira para falar com o colega pode ser considerado indisciplina ou não, depende do professor e do objetivo da aula e atividade acadêmica.

A mesma autora, avaliou durante dois meses o comportamento de oito professores de 5ª série em duas escolas, uma pública e uma particular da cidade de Piracicaba, em São Paulo. Durante sua pesquisa, Alves constatou que nem todos diferenciam o estudante indisciplinado do que está enfrentando a uma dificuldade dentro ou fora da escola. “É preciso conhecer a criança. Algumas não conseguem, por exemplo, ficar caladas por muito tempo”. (2005: 48)

Ela associa a disciplina a três pontos: metodologia, conteúdo e relações interpessoais. “Não há quem fique atento a uma aula que não motiva”, assegura. Até o conteúdo mais interessante fica difícil de ser assimilado se não há empatia com o professor. Entre os educadores acompanhados no estudo, apenas dois não enfrentaram problemas de disciplina em classe, exatamente os que tinham melhor desempenho nos três aspectos identificados pela pesquisadora. (ALVES, 2005: 48)

De uma maneira geral, um aluno ou professor indisciplinado, é, em princípio, alguém que possui um comportamento que foge a uma norma explícita ou implícita determinada em termos escolares e sociais. A indisciplina escolar é um tema complexo e as idéias não estão dentro de um consenso. Isto porque existe uma diversidade de interpretações e ausência de pesquisa que venha esclarecer e tornar o estudo desse problema plausível.

Ser disciplinado é cumprir as regras, normas, valores éticos e morais, estabelecidos pelos grupos sociais visando uma boa convivência. Entretanto, a indisciplina é considerada como uma desordem no comportamento humano, causada pela ausência de limites que vai desde o desrespeito à violência aos outros e ao espaço físico.

(...) o próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma camada social ou organismo. (AQUINO, 1996: 41).

Segundo as nossas experiências adquiridas em salas de aula ao longo dos anos, podemos considerar a indisciplina sob três vertentes. Uma dessas vertentes consiste em situar a indisciplina analisando os alunos em suas condutas durante as atividades pedagógicas realizadas dentro ou fora da sala de aula.

Em uma segunda vertente, a indisciplina pode ser considerada sob questão dos processos de relacionamentos e socialização exercidos pelos alunos na escola, quando interagem com os seus colegas e com os profissionais que atuam no ambiente escolar, e com as atividades exercidas por estes indivíduos que fazem parte desse contexto. De acordo com uma terceira vertente, a indisciplina pode ser definida como a discrepância entre os critérios e as expectativas adotadas pela

unidade escolar no tocante às questões comportamentais, atitudinais, sociais e cognitivas e que, na prática é demonstrado pelos alunos no âmbito escolar.

Contudo, conceituar a indisciplina dessa maneira, implica em situá-la em relação a um referencial. Dessa forma, o conceito alcança uma duplicidade de movimento. Eventualmente, poderá ocorrer também uma discrepância em relação aos referenciais assumidos pela escola. De tal forma que poderá também receber o rótulo de "indisciplinada". Como exemplo, podemos citar o fato de que uma escola ao realizar um torneio de futebol com os alunos de primeira a quarta série pode deixar de cumprir com as obrigações ao não entregar aos vencedores troféus e medalhas conforme o combinado antes do evento esportivo, isso pode causar grande revolta por parte dos alunos ao cobrarem suas premiações.

Tal episódio foi vivenciado por nós e demonstra uma grande contradição, uma vez que a escola exige que os alunos cumpram acordos, regras e normas, mas foi omissa não respeitando o acordo firmado entre as partes. É o típico exemplo da escola cometendo um ato indisciplinar.

A indisciplina escolar tem variado bastante nas últimas décadas não se caracterizando como fenômeno estático, mas em constante evolução nas nossas escolas. Em todos os aspectos, a indisciplina tem se diferenciado do modelo observado em períodos anteriores. Essa mudança no caráter da indisciplina, não se dá apenas no aumento da intensidade, mas, principalmente apresenta um aspecto diferenciado em que as ações são variadas ganhando requintes de complexidade e porque não dizer de criatividade, o que tem aumentado a dificuldade por parte dos professores em encontrar uma solução salutar para a questão.

As alterações que, ultimamente têm acontecido em relação às formas de indisciplina na escola, são aspectos a serem considerados quando nos propomos a investigar esse fenômeno que atinge de forma quase que generalizada nossas instituições de ensino. Os atos de indisciplina têm ganhado certo teor de organização, uma vez que é comum presenciarmos em turmas constituídas por subgrupos contrários, acontecer repentinamente uma coesão de idéias e atitudes com a finalidade única de se desestruturar alguns esquemas criados pela escola ou

até mesmo boicotar aulas de determinados professores, ou seja, são opostos que se unem em busca de um objetivo comum, mesmo que este seja um ato indisciplinar (a união de opostos é positiva, mas em casos como estes devem ser melhor analisados). Quando acontece essa “união” de partes consideradas divergentes em prol do ato indisciplinar, a ação dos profissionais da educação é dificultada e a solução do problema se torna uma equação difícil de ser resolvida.

Podemos exemplificar essa situação usando um fato que ocorreu em nossa escola, na oportunidade, alunos de uma determinada classe se organizaram e foram à diretoria alegando que o professor não teria estipulado a data da prova, o que na verdade tinha acontecido. O argumento falso usado pela classe, visava apenas um adiamento da prova.

Porém, na ocorrência desses atos indisciplinares coletivos, faz-se necessário uma minuciosa análise do contexto em que acontece o fato, para que não se cometa o equívoco da parcialidade e atribua-se toda a responsabilidade do problema aos estudantes e isente-se a escola de toda e qualquer participação na geração da indisciplina.

Essa análise é importante, pois, sabemos que em alguns casos é a própria escola a maior responsável pela geração da indisciplina. Usando do autoritarismo, várias vezes a escola determina normas extremamente rígidas que desagradam os alunos e ferem os princípios de democracia. Baseados no conhecimento que têm sobre direitos e deveres, os estudantes contestam essas normas e acabam por infringi-las e recebem o rótulo de indisciplinados quando foi à própria escola que criou o ambiente propício à indisciplina.

Como vimos, dar um conceito abstrato para a indisciplina não é viável. Portanto, não poderíamos abrir mão da opinião de vários pensadores que buscam explicações para o assunto analisando a temática sob vários olhares e chegando a múltiplas análises sobre o tema estudado.

Diante disso, o nosso estudo que trata da temática da indisciplina, baseia-se na coleta de opiniões de autores que investigam o fenômeno da indisciplina, além de

contar também com opiniões de professores que lecionam em escolas públicas de nosso município.

Falar de indisciplina não é tão fácil como pensamos. Taille (1996) adverte para a delicadeza do tema *indisciplina*, para isso faz uso de três razões que considera como principais. Primeiramente do perigo de se cair no que ele chama de “moralismo ingênuo” ao atribuir a ausência de disciplina em sala de aula à falta de valores de nossos dias. Sobre isto faz um questionamento de quais valores estão faltando em nossa sociedade deixando explícita sua opinião sobre este tipo de argumento.

A segunda razão apontada é o problema do reducionismo que é a explicação do fato por um só ângulo. Sobre isto ele cita dois tipos de reducionismo. O sociológico e o psicológico. Segundo ele o reducionismo psicológico suprime os aspectos sociais, culturais e históricos e explica o fenômeno da indisciplina apenas pelo ângulo dos mecanismos mentais não considerando o contexto, já o reducionismo sociológico despreza variáveis psicológicas e faz generalizações ao comportamento humano. Como solução para fugir do erro do reducionismo o autor entende que é necessário que a indisciplina seja explicada sobre várias dimensões. Porém, isso requer um grande sistema explicativo e como ele mesmo afirma nem sempre isso é possível, portanto, deve-se não absolutizar a explicação apresentada.

Para fugir do reducionismo, duas soluções: ou possuir um grande sistema explicativo que articule várias dimensões ou, na ausência de tal sistema (que é o caso mais freqüente), situar claramente a análise do nível escolhido e sem afirmar a onipotência da explicação apresentada. (TAILLE, In: AQUINO, 1996:10).

Como terceira razão para análise do assunto, TAILLE aponta a complexidade e a ambigüidade. Sobre isso faz a seguinte colocação:

De fato, o que é disciplina? O que é sua negação, indisciplina? Não é tão simples. Se entendermos por disciplina comportamentos rígidos ou um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimentos delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; No segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. (TAILLE, In: AQUINO, 1996: 10).

Evidentemente, a disciplina é de fundamental importância para o processo de aprendizagem, porém, às vezes paga-se determinado preço por isso. Novamente citamos TAILLE discorrendo acerca disso: A rigor, a disciplina em sala de aula pode equivaler à simples boa educação: possuir alguns modos de comportamento que permitam o convívio pacífico. Por aparência, portanto, da qual não se procuram os motivos. O aluno bem-comportado pode sê-lo por medo do castigo, por conformismo. Pouco importa: seu comportamento é tranqüilo. Ele é disciplinado. Isto é desejável? Taille nos dá a seguinte definição de disciplina:

A disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem. Não se trata, por tanto, apenas de "bons modos": Trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo de sua condição animal relações ((TAILLE, In: AQUINO, 1996: 10).

A indisciplina em sala de aula tem sido vista como algo muito preocupante no meio pedagógico atual. Lajonquière fala da visão que muitas pessoas têm hoje acerca do problema. Sobre isso ele escreve: "Em suma, parece que não são poucos aqueles para os quais a indisciplina seria uma espécie de grande e último mal, e a qualidade das capacidades psicológicas da criança, a causa das causas". (LAJONQUIÈRE, In AQUINO, 1996: 26).

Como profissionais da educação, desejamos veementemente encontrar em nossa sala de aula, alunos que nos permitam desempenhar nosso papel de

educadores da melhor maneira possível, ou seja, sonhamos com uma classe na quais os alunos estejam dispostos a acatar as normas da escola de modo a não criar “barreiras” ao processo de ensino-aprendizagem. Anseiamos por alunos “ideais”. Entretanto, os alunos também esperam por escolas e professores ideais, locais que sejam instigantes, interessantes, desafiadores. Será que nossas escolas e professores são ideais? Criamos modelos de “escola ideal” e esperamos que nossos alunos se encaixem nele, quando isso não acontece, costumamos classificá-los como indisciplinados. Lajonquière fala acerca dessa classificação:

‘Dessa forma, o aluno disciplinado é aquele que se encaixa no molde de uma criança ideal, e o indisciplinado é, ao contrário, aquele cuja imagem aparece institucionalmente fora de foco’. Como sabemos ao primeiro se reserva tudo; Ao segundo, seu reverso narcísico - o império arbitrário da quase lei da (psico) pedagogia hegemônica (LAJONQUIÈRE, In AQUINO, 1996: 31).

Esse desejo incessante que, nós professores temos por alunos “disciplinados” se dá pelo fato de nos últimos anos termos sofrido grandes frustrações em sala de aula por conta dos inúmeros e cada vez mais grave casos de indisciplina por uma parte de nossa clientela estudantil. Em nossa vivência, não é irrelevante número de profissionais que, por causa desses atos de indisciplina tem perdido o estímulo para lecionar, entrado em crises depressivas ou, até mesmo abandonado à profissão. O assunto mais comum entre os profissionais nas reuniões, nos intervalos das aulas e até mesmo nos corredores da escola tem sido a impotência da categoria diante dos atos de indisciplina cada vez mais intensos e constantes na sala de aula. Expressões como “não sei mais o que fazer”, “não tem mais jeito”, “eles não querem nada” dentre outros se tornaram rotineiras entre os educadores.

Em um dos depoimentos uma professora afirma: “Com a indisciplina incontrolável de alguns alunos, a escola tem se tornado, infelizmente, em um lugar desagradável, um ambiente de trabalho hostil, onde o professor se sente frustrado por não conseguir, às vezes, realizar o seu trabalho com êxito.” Com isso nos questionamos: Será que tais relatos não indicam a falta de preparo das escolas e

dos profissionais para lidarem com os alunos em tempos atuais? Será que não indicam a necessidade de novas propostas, projetos e medidas oficiais para melhorar nossas escolas? De fato o problema da indisciplina não é algo fácil de ser resolvido, pois não se trata apenas de algo didático-pedagógico, mas, envolve um grande número de áreas do conhecimento como explica Aquino:

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiria propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapasse o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito do ideário das diferentes teorias pedagógicas. É certo, pois, que a temática disciplinar passou a se configurar enquanto um problema interdisciplinar, transversal à pedagogia devendo ser tratado pelo maior número de áreas em torno da ciência da educação. O novo problema que pede passagem. (1996: 40)

A socióloga Guimarães, ao falar da escola como sendo um espaço de violência e indisciplina, classifica a indisciplina como algo produzido pela própria escola.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos advindos do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. (GUIMARÃES, In: AQUINO, 1996: 77)

Ainda de acordo com o pensamento de Guimarães, quando a escola não considera a heterogeneidade dos alunos ao elaborar seu conjunto de regras disciplinares, acaba gerando um ambiente propício ao surgimento da indisciplina. “A disciplina imposta, ao desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os espaços, o tempo, as relações afetuais entre os alunos, gera uma reação que

explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal” (Guimarães in Aquino 1996:78).

Em consonância com as idéias de Guimarães, uma professora participante que atua na 4ª série do turno matutino de uma escola pública comenta: “Coube a escola então o papel de disciplinar e ensinar regras e valores, mas esta por sua vez também já foi sucateada e tentar resolver o problema da indisciplina sozinha já não consegue. Impor regras, limites, sanções não resolve o problema, apenas afugenta mais os alunos e reproduzem dessa forma mais delinqüentes.”.

Aproveitando uma outra colocação da socióloga e professora Guimarães, podemos ver o lado ambíguo da indisciplina, que além de expressar sentimentos como a raiva, se transforma em uma forma de ruptura do domínio que é imposto pela escola em relação ao seu corpo discente. “Na sua ambigüidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões do controle homogeneizador imposto pela escola” (GUIMARÃES, In: AQUINO, 1996:79).

Ao falar das várias interpretações utilizadas para o termo disciplina, a pedagoga Rego (1996) observa que a escola, assim como a sociedade necessita de um processo de criação e cumprimento de regras capazes de manter as relações e possibilitar a cooperação e o diálogo entre os membros que compõem esses grupos sociais. Contudo, adverte que essas normas não podem ser vistas apenas como “prescrições castradoras”, mas como algo essencial ao convívio social. Segundo essa perspectiva Rego define indisciplina da seguinte forma:

A indisciplina, nesta ótica, passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou de um grupo. (REGO, In: AQUINO, 1996: 86).

De acordo com esse conceito de indisciplina, o aluno indisciplinado não é aquele que simplesmente se mostra inquieto se movimentando na sala, é questionador, mas é um aluno que não reconhece limites, que não respeita

sentimentos e opiniões dos outros, não tem autocontrole, não está disposto a cooperar, dialogar, compartilhar.

Já a disciplina pode ser vista como um conjunto de parâmetros estabelecidos consensualmente e que visam uma melhoria na qualidade do ambiente escolar e não como simples mecanismo de repressão e controle. Partindo desse ponto de vista, a disciplina se torna uma meta a ser alcançada mediante a prática educativa adotada pela escola. "A disciplina é concebida como uma qualidade, uma virtude (do indivíduo ou grupo de aluno) e, principalmente, como um objetivo a ser trabalhado e alcançado pela escola". (REGO, In: AQUINO, 1996: 87)

Como decorrência, a disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar, é encarado como resultado (ainda que não exclusivo) a prática educativa realizada na escola.

Aquele que produz um ato indisciplinado o expressa através dele suas próprias paixões. Na maioria das vezes, sente-se livre do julgo externo ao realizá-lo, pois é sua vontade que foi exteriorizada. É comprovado que todo ato indisciplinar é precedido por uma psicologia da vontade ou da cognição, o que leva à ação, à prática.

Se a indisciplina é uma prática da sociedade, ter disciplina para realizar algo não significa ser disciplinado totalmente para tudo. As condições impostas à realização de uma determinada tarefa podem ser totalmente contrárias à realização de outra. Dessa forma a disciplina exigida na escola não se identifica como uma ordem imutável, livre de exceções, mas com práticas que exigem procederes e diferentes formas de disposições.

Uma aula expositiva pode exigir silêncio e acompanhamento do raciocínio. Por outro lado, a resolução de problemas pode exigir troca de idéias sobre procedimentos e tentativas, como parte constituinte da disciplina e não como manifestação de indisciplina. O problema da disciplina ou indisciplina no âmbito escolar não é, nesse sentido, o de obter um tipo padronizado de comportamento, mas o

de como ensinar certas maneiras de trabalhar. E o ensino é uma arte-prática que não tem regras que garantem o seu êxito. (CARVALHO, In: AQUINO, 1996: 137).

A tarefa do professor em sala de aula não se restringe em apenas focar conhecimentos através de receitas prontas, comportamentos invariáveis, mas cabe a ele, o de criar segundo suas metas e as características daquilo que ensina; disciplina e metodologias de ação e objetivos que foram considerados valiosos.

A sala de aula pode ser um lugar onde o pensamento se demora por um instante a fim de deglutir, ruminar e tomar coragem para rasgar experiências repetidas. É necessário fazer de tudo isso um campo de experimentação e explicitação da humanidade que nos habita, e levá-la ao seu limite máximo, criando novas configurações humanas. (FRANÇA, In: AQUINO, 1996:147).

1.2 Consenso como alternativa

Manter a indisciplina é, sem dúvida, uma arte que poucos mestres dominam. O autoritarismo, os gritos e o velho "já para a diretora" não funcionam, mais. A melhor saída para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os alunos, que vão aos poucos aprendendo a ter a disciplina. É mais fácil para o aluno ser disciplinado quando ele ajuda a criar as próprias regras.

A escola cabe acompanhar atenciosamente o desenvolvimento dos alunos, assim como investigar as necessidades individuais, além de garantir adequadas condições para o desenvolvimento normal do processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, a escola não pode concentrar suas expectativas e suas metas apenas numa decisão elaborada pelo grupo dos que detém o poder de decisão nos seus processos, mas, precisa buscar um consenso entre todas as partes envolvidas

com o seu funcionamento contemplando também, os anseios e expectativas da comunidade a ela ligada e não considerar tão somente os profissionais da área educacional que têm atuação direta sobre ela.

As relações entre professores e alunos, necessitam ser articuladas sobre certo teor de democracia. Quando isso não acontece, uma onda de contestação e resistência pode ser desencadeada por parte dos discentes com relação aos esquemas determinados pela escola, assim, aquilo que, geralmente é considerado autêntica manifestação de disciplina, poderá ganhar *status* de “normalidade”.

“Quando há indisciplina na escola, mesmo que a gente queira prestar atenção não consegue”. A queixa de R.O.S., 14 anos, aluna da 8ª série de uma escola pública da cidade de Várzea da Roça, dá uma idéia do problema que atrapalha a aprendizagem e, claro, está entre as maiores preocupações dos professores.

Barulho em classe, brigas, xingamentos e até agressões verbais ou físicas, não acabam com gritos ou ameaças por parte do docente. O fim da indisciplina acontece quando crianças e adolescentes são ouvidos, conhecem o objetivo de cada atividade e negociam a melhor maneira de atingi-los.

A indisciplina pode ser vista como uma força de legítima resistência. Segundo esse princípio a escola não contempla toda diversidade de indivíduos que a compõe e sempre esteve voltado aos interesses elitistas em detrimento das classes menos favorecidas. Com a inserção das camadas populares na escola, o impacto foi inevitável. Se esse espaço foi preparado para um outro tipo de público e não admite algumas características dessa nova clientela, é preciso repensar sobre qual a função da escola e qual a ideologia que a perpassa, pois:

Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por essa escola incapaz de administrar as novas formas de existência social completa, personificadas nas transformações no perfil de sua clientela. (AQUINO, 1996: 45)

Segundo um olhar psicológico, a indisciplina escolar está intimamente ligada a uma coerência psíquica do aluno, sendo, portanto, algo anterior à escola e de responsabilidade da família o que dificulta muito a ação da escola em solucionar o problema já que este tem origem essencialmente familiar e a família cabe a tarefa de estruturar psiquicamente a criança, para que esta venha estar preparada para receber da escola o complemento psíquico iniciado no âmbito familiar. Portanto, se a família não realiza sua função nesse processo, a escola se torna impotente, pois não está preparada para realizar também o papel que é primordial da família, uma vez que em se considerando a educação em um sentido amplo, família e escola são as instituições responsáveis e desempenham papéis imprescindíveis à formação da criança como ser social. Em seu depoimento uma participante afirma: "Alunos indisciplinados são frutos de famílias desestruturadas, que não conseguem cumprir o seu mais importante papel que é educar seus filhos, como conseqüências da desestruturação da família, tem também uma sociedade desestruturada, pois a sociedade é formada por famílias."

Sendo assim, a negligência por parte da família acaba gerando um elemento complicador para a escola - a indisciplina.

O que a indisciplina, desde este ponto de vista, estaria revelando então? Que se trata, supostamente, de um sintoma de relações familiares desagregadoras, incapazes de realizar a contento sua parcela no trabalho educacional das crianças e adolescentes. Um esfacelamento do papel clássico da instituição familiar, enfim. (AQUINO, 1996: 46)

1.3 Indisciplina e Moral / Vergonha

No ambiente escolar ou fora dele. A indisciplina pode ser conseqüência das debilidades entre a moral e a vergonha. Na visão de Araújo:

(...) quando se evoca a indisciplina na escola, focaliza-se o desrespeito as regras estabelecidas. Apesar de a moralidade estar relacionada às regras, nem todas tem vínculo com a moralidade. Em

primeiro lugar deve-se observar o princípio subjacente à regra, porque se este não for de justiça, a regra será imoral e, portanto a indisciplina poderá ser sinal de autonomia. Outro aspecto relevante a ser observado é a forma com que foi estabelecida: se imposta coercivamente, ou estabelecida com base em princípios democráticos. Se imposta autoritariamente o sujeito não pode se sentir obrigado a cumpri-la, e a indisciplina pode ser um pretexto em relação à autoridade. (...) o fato concreto de o sujeito não cumprir as regras precisa ser analisado com cuidado observando a natureza e a forma com que aquelas foram estabelecidas, ou seja, o aluno considerado indisciplinado não é necessariamente imoral. Pelo contrário imoral pode ser o professor, o supervisor ou o diretor quem impõe regras em benefício próprio, e espera que os outros obedeçam. (1998: 110)

Em outras palavras, a moral verdadeiramente humana pede muito mais do que conhecer e introjetar certo número de regras, pois a finalidade da moral é garantir a felicidade e o bem-estar dos indivíduos. Todavia, cada vez que se restringem princípios a meras regras, a moral corre o risco de deixar de ser humana.

Entende-se que a indisciplina escolar ao ser focalizada por desrespeito as regras, os profissionais de educação necessitam fazer uma análise detalhada dessas regras, visto que para ter valor moral é necessário que ela seja justa, ao contrário poderá ser rejeitada pelos discentes.

Assim, mesmo atendendo a princípios da justiça, as regras deverão ser determinadas de forma democrática, pois quando são impostas de maneira autoritária poderão sofrer sanções dos alunos nas quais os mesmos podem vir a praticar atitudes de indisciplina apenas para manifestar repúdio ao autoritarismo dos dirigentes escolares.

Vale ressaltar que a indisciplina também é decorrente do enfraquecimento do sentimento de vergonha. Não a vergonha pura, que é aquela, que pode acontecer. Por exemplo, quando alguém enrubesce ao seu elogiado ou aplaudido publicamente,

mas sim, aquela que está associada a um juízo de valor que o indivíduo faz sobre si mesmo. Neste contexto percebe-se que a vergonha funciona como um ato disciplinador, onde o indivíduo obedece para não se expor ao juízo alheio, pois. "A vergonha não se associa apenas a moralidade, mas é impossível pensar moralidade sem ela". (ARAÚJO, 1998: 16)

1.4 Indisciplina e Respeito

Traçando um paralelo entre o respeito e a disciplina, nota-se que a indisciplina seria o inverso, BOVET afirma que:

(...) a obrigação da consciência tem duas condições: que o indivíduo receba ordens e que respeite a fonte das ordens porque, se não houver respeito, a ordem não será aceita. Ele entende o respeito como sendo fruto da coordenação entre dois sentimentos: o afeto e o medo, da coordenação dialética entre esses dois sentimentos nas relações interindividuais é que surgirá, por exemplo, a obediência das crianças aos mais velhos. De acordo com ele para que o respeito à regra se tome uma obrigação esses dois sentimentos devem estar presentes. (BOVET, 1997: 109)

Nota-se que a presença dos sentimentos afeto e o medo são condições fundamentais para que haja respeito e ordem, pois na ausência dos mesmos surgirá a desobediência, como exemplo, ao jogar papel na sala, o professor ordena que seja jogado no lixo, se o aluno não o fizer estará infringindo as regras devido a inexistência desses sentimentos.

Vale ressaltar que, ao sentir-se desrespeitados pelos outros, a criança não perderá o respeito próprio. Automaticamente sentir-se-á mal por causa de seu erro, porém sabe que poderá superar o seu problema. Ao contrário, quando ela não é respeitada, a tendência é desesperar-se frente a uma correção aprenderá a ter medo do castigo e, conseqüentemente tornar-se-á revoltada e malvada. "Para PIAGET,

entretanto, o sentimento de respeito baseado no afeto e no medo explica apenas o respeito unilateral e não o respeito baseado mútuo que tem como base um sistema de equilíbrio diferente”.

As investigações feitas sobre a indisciplina mostram que as características de cada indivíduo não são determinadas anteriormente, nem tão pouco pelas pressões sociais. Elas se formarão a partir das interações entre o indivíduo e o meio físico e social que o cerca, incluindo as dimensões interpessoais e culturais. Sendo assim Vygotsky considera fundamental analisar o desenvolvimento humano em um contexto cultural. Sua pesquisa objetivava “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como estas características se formam ao longo da história humana e de como se desenvolve durante a vida de um indivíduo” (1984: 21).

Pensando assim, a indisciplina é um problema da família, da escola e da comunidade social, no qual o indivíduo está convivendo, pois, é um processo bidirecional de influência. Uma participante indica também acreditar nesse pensamento ao ressaltar: “Acredito que a indisciplina é resultante de problemas sociais, da má estruturação familiar e da escola que por muitas vezes acaba sendo mais um agente de exclusão.”. Uma ação disciplinar tem que estar de acordo com que o indivíduo considere como normativo a todos os seres, pois tendo essa consciência o mesmo poderá evitar a pratica de ações que não conduzem com as regras de boa convivência.

Para viver em sociedade implica na criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social mesmo numa sociedade complexa como a nossa. Com a escola não é diferente, pois a mesma está inserida nesta sociedade e para o seu bom funcionamento precisa de regras e normas de convivência entre os diferentes grupos que nela freqüentam. Sendo assim, as regras e as normas deixam de ser vistas como prescrições castradoras e passam à condição essencial para o convívio humano.

Mais do que subserviência cega a internalização e a obediência a determinadas regras podem levar o indivíduo a uma atitude

autônoma e, como consequência, libertadora, já que orienta e baliza suas relações sociais. Neste paradigma, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites. (VYGOTSKY, 1984: 21).

Vygotsky (1984) chama atenção para o importante papel mediador exercido por outras pessoas no processo de formação de conhecimentos, habilidades de raciocínio e procedimentos comportamentais de cada sujeito. Dessa forma o desenvolvimento individual será mediado por outras pessoas do grupo social. Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, as crianças e os adolescentes reconstróem individualmente os modos de ação de dirigir seu comportamento e a agir neste mundo.

Na perspectiva de Vygotsky (1984), a educação cumpre um papel principal na construção do sujeito, pois na nossa sociedade alfabetizada, a escola representa o elemento indispensável para a realização plena dos sujeitos, visto que, neste contexto, as crianças são provocadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais.

CAPÍTULO II – ASPECTOS RELACIONADOS À INDISCIPLINA

Assim como conceituar a indisciplina, apontar os aspectos relacionados, as causas e/ou conseqüências não é uma tarefa simples que possa ser determinada por uma só vertente, mas algo que cabe uma investigação mais aprofundada no sentido de se descobrir as diversas influências que se juntam e dão origem a essa problemática. Sobre isso, Rego (1996) afirma:

Por outro lado, diferentemente das idéias presentes no meio educacional, o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados (como por exemplo, exclusivamente da educação familiar, da influência da TV, da falta de autoridade do professor, da violência da sociedade atual), mas da multiplicidade de influências que recaem sobre crianças e adolescentes ao longo do seu desenvolvimento. É importante frisar que as influências não são recebidas passivamente pelos sujeitos, na medida em que o indivíduo internaliza, de modo ativo e singular, o repertório do seu grupo cultural. (REGO, 1996: 88)

Outro fator que dificulta a atribuição de uma causa para a indisciplina é o contexto em que ela ocorre. Cada ato indisciplinar ocorre em um contexto diferente, e, portanto pode ter influências diferentes e que torna obrigatória a análise do contexto onde a indisciplina acontece antes de se estipular uma causa para ela.

Ao ser indagado em uma palestra em março de 2005 na cidade de Macapá estado do Amapá, acerca de quais seriam as causas da indisciplina, o professor Celso Antunes fez a seguinte colocação:

A indisciplina não é uma febre, ela é uma doença. No começo ela pode ter muitas causas, tem a indisciplina do aluno, do professor, a indisciplina institucional, da própria família do aluno. Há muitas indisciplinas, e a indisciplina da aprendizagem, como não fazer uma pesquisa, não saber aprender, não saber fazer uma síntese. E ainda

há a indisciplina interpessoal, onde não se respeita os outros, não saber como se falar com as pessoas.¹

Faz se necessário um levantamento de dados da situação em que o ato indisciplinar tem acontecido para se examinar de maneira mais detalhada de onde provêm as interferências motivadoras para tais atos. Somente com este trabalho investigativo minucioso se torna possível a descoberta de qual ou quais elementos *tem contribuído decisivamente para o surgimento da indisciplina naquele contexto.*

Diante da inconveniência em se atribuir uma única causa ao problema da indisciplina e sabendo que somente através de uma análise profunda do contexto onde se dar o ato indisciplinar é possível à caracterização dos seus elementos causadores.

Apesar de a indisciplina ser um velho fenômeno conhecido, sua relevância teórica não é tão nítida. Um problema que sem dúvida de difícil abordagem, há pouco número de obras dedicadas explicitamente à problemática que no seu âmbito venha ajudar essa situação educacional.

Neste capítulo, do nosso trabalho de pesquisa, abordaremos elementos que se constituem como possíveis causa da indisciplina. Seguindo a mesma linha, também faremos uso de valiosos pensamentos dos teóricos nas obras em que consultamos para nos alicerçar acerca da discussão do assunto, além de estabelecer um paralelo com o pensamento dos professores participantes que emitiram seus pontos de vista acerca da questão.

2.1 Família

Partindo do pressuposto que um dos conceitos da indisciplina é a “desordem”, podemos atribuí - lá inicialmente à família, haja vista que ela é a base inicial na formação do ser. Assim, é perceptível que os valores estão sendo abolidos do

¹ Disponível em: www.seama.edu.br/not_det.php?cod_not= , acesso em 28/10/2007.

convívio familiar. Uma professora depoente afirma: “O apoio familiar é essencial no processo ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente na formação do indivíduo, mas, infelizmente as causas familiares da indisciplina estão à cabeça”.

No ambiente familiar os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam nas aulas, não se esquecendo de outros locais e pessoas com que as crianças e adolescentes interagem socialmente. Em tempos à pobreza, violência doméstica e o alcoolismo foram apontados pelos professores depoentes como as principais causas que minavam o ambiente familiar. Para REGO, (1996) a desagregação dos casais, droga, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais da educação dos filhos etc, quase sempre os alunos com maiores problemas de indisciplina provêm de famílias onde estes existem.

2.2 Alunos

Todos os alunos são potencialmente indisciplinados, porque a escola é sempre sentida como uma imposição por parte do Estado ou da família. De forma geral, a escola é uma instituição que possui regras, normas, conteúdos, valores etc. arbitrários e nem sempre democráticos. Talvez por isso que as aulas tornem-se locais de constrangimentos e de repressão de desejos. O que acaba por diferenciar aos alunos entre si é a atitude que assumem perante suas obrigações. Numa classificação de inspiração weberiana são distinguidos três tipos de alunos:

“Obrigados-satisfeitos: Uma minoria que se conforma às exigências que a escola lhe impõe.”

“Obrigados-resignados: A maioria que se adapta ao sistema procurando tirar partido da situação, atingindo dois objetivos supremos: “gozar a vida” e “passar de ano””.

“Obrigados-revoltados: Uma minoria inconformada (ou maioria conforme as circunstâncias sócio-econômicas do meio)”. Da família

à escola e desta à sociedade colocam tudo em causa: Valores, normas estabelecidas, autoridade, etc. ²

Não é fácil explicar as razões que levam uns a assumirem-se como “conformistas” e outros como “revoltados”. A falta de afeto ou a vontade de poder são, por exemplo, duas destas motivações. Há quem aponte também as tendências próprias de cada idade que transforma uns em “revoltados” e outros em “conformistas”.

2.3 Professores

Como educadores nos deparamos todos os dias com situações de indisciplina acrescida de atitudes que nos fazem repensar o papel de educador frente ao alunado, nos deixando com baixa-estima para exercer tal função. Diante de toda problemática nós professores se não identificarmos os motivos da indisciplina em sala de aula, estaremos sendo aqueles profissionais que provocam a indisciplina. As razões porque isto acontecer são várias, mas algumas delas são frequentemente citadas:

- ✓ Falta de capacidade para motivarem os alunos, nomeadamente utilizando métodos inadequados;
- ✓ Despreparo para lidarem com situações de conflito;
- ✓ A forma agressiva como tratam os alunos estimulando reações “violentas”.
- ✓ A estigmatização e a rotulagem dos alunos.

Para amenizar essa situação, é importante que o professor além de identificar os motivos da indisciplina, como foi citado acima, observar os alunos e estabelecer um diálogo, pode ajudar muito neste sentido. Muitas vezes, a indisciplina ocorre porque alunos não entendem o conteúdo ou acham as aulas cansativas. Nestes

² www.pt.shvoong.com/social-sciences/education/1650611-indisciplina-nas-escolas/

casos, o professor pode modificar suas aulas, adotando atividades estimulantes e interativas. Essa atitude costuma gerar bons resultados.

Para os autores José e Coelho (2000) é fundamental a postura do professor frente à indisciplina e algumas atitudes como:

- ✓ Fazer um código de comportamento a serem seguidos pela classe, bem como estabelecer as sanções caso esses comportamentos não sejam seguidos.
- ✓ Além das regras do código de comportamento, o professor deve estabelecer regras para si próprio: ser firme, honesto e imparcial, pois as crianças o respeitarão por ter forças para cumpri-las.
- ✓ Chamar os pais e notificá-los no caso de brigas ou comportamentos agressivos; a colaboração deles é necessária na solução de problemas de comportamento na escola.
- ✓ Conscientizar os alunos sobre a necessidade do autocontrole, ensinando-lhes os aspectos positivos das relações humanas e ajudando-os a adquirir uma compreensão sobre as causas das brigas e discussões.
- ✓ Cultivar a confiança e a segurança dos alunos para em que caso de briga procurem-no como mediador.
- ✓ Aproveitar os diferentes componentes curriculares para discutir a importância e a necessidade de conviverem uns com os outros e a respeitarem pontos de vistas contrários dentro de um mesmo assunto.
- ✓ Preencher sempre o tempo com atividades interessantes e relevantes para a vida dos alunos, evitando que fiquem no ócio.
- ✓ Não ignorar uma briga e nem mostrar indiferença perante ela.
- ✓ Não deixar a classe sem supervisão.
- ✓ Canalizar a energia dos alunos superativos para outros meios de expressão, como desenho, pintura, montagens, encenações teatrais etc.

2.4 Escola

A organização escola está longe de ser um modelo de virtude. Funciona em geral de modo pouco eficaz e eficiente. Há muito que a escola deixou de ter um papel integrador dos alunos. Embora seja um espaço onde estes passam grande parte do seu tempo, nem sempre nela chegam a perceber quais são os seus valores, regras de funcionamento etc.

As escolas estão mal preparadas para enfrentarem a complexidade dos problemas atuais, nomeadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação de alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas tornou-se uma fonte de conflitos.

As associações de pais, quando funcionam, encaram muitas vezes os professores como um bando de incompetentes que aproveitam todas as ocasiões para se furtarem as aulas. Repetem-se por todo o país os casos de membros destas associações que tirando partido da sua posição exercem pressão junto dos professores para beneficiarem os seus filhos.

Com relação às funções da escola nos PCN encontramos o seguinte trecho: A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, com objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essências para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. Para tanto ainda é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. A escola, por ser uma instituição social com o propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. (Introdução Pcn's p.45-46)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desse trabalho, nos deparamos com situações que nos levaram a refletir acerca de toda a problemática que envolve a questão da indisciplina escolar. Descobrimos que conceituar indisciplina não é algo simples, mas uma tarefa que requer uma análise profunda do assunto que envolva várias áreas do conhecimento.

Percebemos também que, entre os teóricos não há unanimidade quando a questão é conceituar indisciplina, cada um procura caracterizar esse problema com base nos argumentos encontrados nas áreas do conhecimento onde atuam.

De forma semelhante, entre os professores participantes, não há uma visão única sobre o assunto, uma atitude que para determinado professor constitui-se um ato de indisciplina, para outro professor pode soar como algo dentro da normalidade, ou seja, tanto os teóricos quanto os professores não são unânimes quando a questão é o que caracteriza o ato indisciplinar.

De modo geral, a indisciplina acontece quando as normas estabelecidas por um grupo social de forma implícita ou explícita deixam de ser cumpridas, portanto esta é a definição mais utilizada para a indisciplina.

Outra observação importante que fizemos, foi o fato de que não se pode atribuir o surgimento da indisciplina a um fator, mas a todo um conjunto de fatores que juntos criam um ambiente propício ao aparecimento desse problema.

Dentre estes fatores, percebemos que aquele com maior grau de influência é a forte desestruturação familiar que afeta grande parte das famílias dos alunos que freqüentam a rede pública de ensino. Contudo, ficou evidenciado que isso não é regra geral, é o que às vezes, em famílias bem estruturadas, existem crianças indisciplinadas. Isso nos levou a concluir que a desestruturação familiar é uma forte causa da indisciplina, mas não a única.

Outro elemento causador da indisciplina escolar que podemos diagnosticar durante a realização dessa pesquisa é a própria escola, uma vez que esta através de seus regulamentos às vezes autoritários e da incapacidade de transformar-se em um ambiente acolhedor e motivante acaba criando um cenário propício ao aparecimento de focos de indisciplina. E como um dos agentes principais responsáveis esse quadro está a figura do professor que, em determinadas situações não consegue fazer de suas aulas algo que prenda atenção dos alunos e os motive para se portarem de forma adequada.

Sendo o professor uma peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem, cabe a ele a partir do momento que tomar conhecimento das causas da indisciplina, criar condições específicas no intuito de amenizá-las e tornar suas aulas instigantes, criativas e interessantes, para tanto estimular a participação do aluno e o diálogo são fundamentais.

Outro elemento que nos despertou atenção foi a fato de que ao analisar os depoimentos dos professores que lecionam na rede pública municipal, em nenhum momento encontramos fala que colocassem os professores como agentes causadores da indisciplina. Isso nos mostra o instinto que temos em nos isentarmos da culpa acerca da indisciplina nas nossas classes.

Com relação as nossas principais indagações acerca da indisciplina, concluímos que não há um conceito único para definirmos indisciplina, assim como, não podemos atribuir esse problema a uma única causa, mas sim a um conjunto de fatores interligados e interdependentes.

Em análise do tema em estudo, julgamos este trabalho como de grande relevância para nossa prática pedagógica, uma vez que, com o conhecimento que adquirimos acerca da problemática da indisciplina, podemos encarar esse fenômeno com maior segurança e discutir com outros profissionais da área educacional, visando à desmistificação da INDISCIPLINA.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Cândida Maria Daltro. **Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar.** São Paulo: Abril, Revista Nova Escola, Ano XX, nº183 2006. (p.48)

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CARITA, Ana & FERNANDES, Graça. **Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar?** Editorial presença. Lisboa. 1997

CARVALHO, José Sergio F. **Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais.** In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

DE LA TAILLE, Yves. **Limites: três dimensões educacionais.** São Paulo: Ática, 1998.

DE LA TAILLE, Yves. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

FRANÇA, Sonia A. Moreira. **A indisciplina como matéria do trabalho ético e político.** In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

GUIMARÃES, Áurea M. **Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola.** In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

JOSÉ, Elisabete da Assunção & COELHO, Maria Tereza. **Problemas de Aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2000.

LAJONQUIÈRE, Leandro de, **A criança, "sua" (in)disciplina e a psicanálise.** In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

REBELO, Rosana A. Argento. **Indisciplina Escolar: causas e sujeitos.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

REGO, Tereza Cristina R. **O papel dos educadores na disciplina escolar.** Porto Alegre, RS: Artmed, Revista Pátio. Ano XI, nº 42, 2007. (p.22-23)

REGO, Tereza Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana.** In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

www.pt.shvoong.com/social-sciences/education/1650611-indisciplina-nas-escolas/

[www.seama.edu.br/not_det.php?cod_not =](http://www.seama.edu.br/not_det.php?cod_not=)